

O GENERAL SAN MARTIN E SEU AMIGO JOHN MIERS (*).

Os historiadores do General San Martín não se têm servido de John Miers. Existe a crença de que êste viajante inglês que conviveu com San Martin e soube fatos hoje apagados pelo tempo não era amigo do Protetor. E' bem sabido que uma superstição historiográfica difundida por tôda a América faz ver como obras proibidas os livros antigos e modernos que não exaltam os heróis que se pretende endeusar. O testemunho de John Miers, errado em alguns aspectos e muito acertado em outros, tem sido esquecido intencionalmente. Uma voz corrente entre os historiadores retrógrados e reconhecidamente medíocres ordenou não mencioná-lo, salvo para combatê-lo. Miers é citado, portanto, como um inimigo de San Martin, um caluniador e um embusteiro. Êste modo de expor as idéias agrada particularmente aos ignorantes repetidores que desejam poupar-se o trabalho de ler um grosso tomo ainda não traduzido. Em consequência, os ataques a Miers são reeditados por aquêles que não leram sua obra e sòmente se baseiam em julgamentos alheios. O hábito de atacar uma obra que não se leu é muito comum a certos espíritos. O procedimento usual, sobretudo nas instituições cultas. Uma comissão de uma, duas ou três pessoas lê uma obra e emite um juízo. Sem maiores trâmites, quarenta ou cem historiadores aparecem subscrevendo uma condenação ou um elogio. Da condenação ou da recomendação fazem-se sabedores colégios e instituições diversas e o juízo público está formado. Êstes dirigentes da cultura acreditam muito patriótico o seu próprio proceder. Talvez com os anos a gente se ria do que é hoje habitual. Entretanto, uma obra rica em notícias do todo o gênero deve permanecer inédita, em sua tradução para o espanhol, e semi-inalcançável, pelo reduzidíssimo número de exemplares que existe na América, os quais poderiam oferecer dados importantíssimos aos estudiosos do nosso passado. O farisaismo histórico de eminentes colegas contribui, dêste modo, para o estancamento de muitas investigações.

John Miers não pode continuar sendo um desconhecido na historiografia de San Martin. Sua obra deve ser publicada em es-

(*) . — Texto espanhol traduzido pela Lic. Sônia Aparecida Siqueira (*Nota da Redação*).

panhol (sabemos que já existe uma excelente tradução, inédita), analisada e utilizada no que tem de bom. Não esqueçamos de que é um testemunho da época, de que viu e ouviu coisas que hoje ninguém pode ver nem ouvir, e representa, portanto, um documento de imenso valor. Como todo documento deve ser submetido a uma justa crítica. Suas descrições, para começar, têm uma côr e um realismo que não se encontram em nenhuma outra parte. O dano que, para a verdade da história, em geral fizeram os traidores da cultura, afastando esta obra, por mais de um século, do alcance dos estudiosos, é grande e injusto. O historiador verdadeiro deve conhecer os testemunhos favoráveis e os testemunhos adversos, deve conhecer as verdades e deve saber, também, com que mentiras, calúnias ou erros se tem combatido a certos personagens. A vida de todo homem se desenvolve entre amigos e inimigos. Não há um ser no mundo sôbre quem não se tenham dito verdades e mentiras. O conhecimento das mentiras é imprescindível para sabermos das injustiças que se cometeram com determinadas pessoas. Para que não se repitam, temos que destruí-las. A tática do silêncio só é empregada pelos incapazes de polemizar. Quando se esconde e não se combate é porque se sabe que a acusação é verdadeira. Não importa agora que os hipócritas de nossa história se indignem ou ruborizem por tornarmos conhecidas as principais notícias sôbre um autor, oculto por mais de um século pela ignorância coletiva. O que interessa é que se saiba como viu a San Martin e explicou alguns problemas de seu tempo um escritor que, na sua época, contribuiu, sem dúvida, com sua obra, para a formação do juízo de muitos leitores. Analisamos, pois, mais que a Miers e às suas notícias, um dos tantos conhecimentos que davam forma aos contemporâneos de San Martin.

John Miers recebeu ofertas para dirigir-se a Buenos Aires e instalar as máquinas da Casa Nacional da moeda em 1818. Ao mesmo tempo se propôs a fabricar no Chile placas de cobre para barcos. Efetivamente reuniu com um amigo um forte capital e saiu de Dover, para o Rio da Prata aos 26 de janeiro de 1819, com sua mulher, engenheiros e operários peritos. Aos 23 de março desembarcou em Buenos Aires. Pensava que no Chile o cobre poderia ser comprado pela metade do preço que se pagava em Londres. O carvão era baratíssimo tanto quanto a mão de obra. Em outras embarcações enviou ao Chile cem toneladas de maquinárias. Do Chile traria também para Buenos Aires elementos necessários para a Casa da Moeda. Voltou à Inglaterra em junho de 1825 e em pouco tempo regressou para Buenos Aires com as máquinas asseguradas. De tudo o que viu e ouviu em sua longa viagem escreveu a obra a que nos referimos. O prefácio está datado de Londres, 20 de dezem-

bro de 1825. A obra, em 2 volumes, foi publicada no ano seguinte. O título completo é este: *Travels in Chile and la Plata including accounts respecting the Geography, Geology, Statistics, Government, Finances, Agriculture, Manners and Customs and the Mining operations in Chile. Collected during a residence of several years in these countries by John Miers. Illustrated by original maps, views, etc. In two volumes. London Printed for Saldwin, Cradock and Joy. 1826.* A utilidade desta obra oculta pela hiperestesia de certos tartufos é muito grande. Infinitude de notícias de tôda a ordem, referentes a uma extensa parte da América do Sul, passaram inadvertidas por mais de um século e um quarto de estudos históricos e continuarão, sem dúvida, por longo tempo. Sòmente nós damos ligeiras sínteses das páginas que se referem a nosso país, a San Martin e a outros personagens e ao ambiente em que êles viveram.

Começamos, pois, por situar-nos com Miers em Buenos Aires, quando êle aí chegou pela primeira vez. Era, como dissemos, o mês de março de 1819. Miers se hospedou na casa de um espanhol, Don José María Calderón, casado com uma irmã do general Belgrano, e se admirou do pouco que lhe cobravam pela pensão e de que as refeições constassem de 20 pratos, sem contar as sobremesas. Na cidade falava-se com temor dos guerrilheiros de Artigas. O secretário de Estado pediu-lhe que ficasse definitivamente em Buenos Aires ou em Córdoba, mas Miers empreendeu sua viagem. No campo observou como as mulheres se entretinham em tirar-se reciprocamente os piolhos. Em San Luís conversou em francês com o governador Dupuy e soube que se encontravam prisioneiros o general Marcó, que comandava as forças espanholas na batalha de Cachabuco, e “el excelente patriota don Manuel de Saratea”, que havia prestado bons serviços ao país e se havia tornado “odioso al partido del general Pueryrredón”. Dos “puntanos” disse que eram grandes jogadores e muito imorais. As mulheres, principalmente as casadas, cortejavam sem dissimular aos homens. San Luís oferecia um aspecto paupérrimo. Muito poucas eram as casas de aspecto decente. O povo era

“ignorante, intolerante, supersticioso y lleno de orgullo, que se convence a si mismo de que es superior a toda la humanidad”.

Dupuy, francês de nascimento, obedecia cegamente a qualquer govêrno que estivesse no poder. Tinha fama de sanguinário e servil, disposto a executar qualquer ordem ou insinuação de seus superiores. Miers considerou-o desprezível. San Luis, repetimos, deu-lhe uma impressão muito má, e compadeceu-se dos políticos que por suspeitas eram desterrados a êsse longínquo lugar donde poucos voltavam. Che-

gou a Mendonza em 25 de abril de 1819. O jôgo de “monte” chamou-lhe a atenção. Mais de 50 pessoas jogavam em 4 mesas, contra um banqueiro que havia em cada mesa. Pilhas de onças de ouro, de um valor de três guinéus cada uma, e outras de pesos e moedas menores, apareciam e desapareciam com rapidez. Miers ficou assombrado com as enormes somas que se apostavam e com a rapidez das jogadas. Enquanto contemplava a cena, num instante, de repente, todos os jogadores se atiraram ao solo de joelhos, batendo-se nos peitos e recitando rezas. Ao fim de alguns minutos, todos os presentes se precipitaram de novo para as mesas, para continuar o jôgo, tratando cada um de recuperar seu lugar. Miers saiu de seu assômbro quando soube que o fato se havia dado por um ligeiro tremor de terra que êle, como estrangeiro, não havia percebido mas que todos conheciam muito bem. As procissões de monjas com velas acesas dentro de lanternas que se prendia no extremo de uma vara eram comuns. Indo dormir, teve que levantar-se poucos minutos depois, mordido por centenas de percevejos que lhe produziram grandes borbulhas. Às dez da manhã, depois de descançar tôda a noite numa cadeira, foi visitar o governador Luzuriaga. Ainda não se havia levantado e só o pôde ver ao meio dia. Era um homem robusto, de estatura mediana, cortês e com uma mente comum. Dizia-se dêle que havia sido instrumento de um caudilho para a realização de alguns atos repreensíveis. As mulheres de Mendonza pareceram a Miers orgulhosas, vaidosas e ignorantes. O clima e a comida encantaram-no. Um médico norte-americano, o dr. Colesberry, e outro médico escocês, o dr. Gillies, tinham-se curado da tuberculose. Soube, também, que em San Juan, um missionário inglês havia aberto uma escola lancasteriana a que concorriam 300 alunos.

As impressões que Miers teve de San Martin não foram más, senão, pelo contrário, muito boas. Viu ao homem. Não viu nenhuma estátua a cavalo com o braço levantado porque San Martin ainda não estava na glória. Foi recebido por San Martin com muitas considerações e falou com êle durante mais de 1 hora, a respeito de armas e projéteis militares. San Martin lhe fêz muitas perguntas e lhe pediu que o visitasse no dia seguinte para dar-lhe uma carta dirigida a O'Higgins. No outro dia, 28 de abril, visitou-o em seu gabinete particular, enquanto ditava a um secretário a carta para O'Higgins. Assinou-a e lha entregou. Miers observou detidamente a habitação. Estava mobiliada com muita elegância, em estilo europeu. Os móveis eram todos de fabricação inglesa. Tinha formosas cômodas, mesas e outros móveis de pau vermelho com incrustações de bronze, preciosas cadeiras que formavam jôgo e uma coberta de Bruxelas. A Miers despertou a atenção que San

Martin tivesse pendurado um retrato de si próprio entre uma gravura de Napoleão e outra de Wellington. Não diz se o retrato de San Martin era a óleo ou era um estampa. Num quarto próximo, pequeno, onde estava sua cama, mostrou-lhe num armário, um conjunto de 20 fuzís, pistolas e apetrechos de caça. Conversaram ainda um pouco acêrca de topografia de Cuyo, e por fim se despediram. Miers recorda que San Martin o despediu com muita cordialidade, ofereceu-lhe seus serviços e lhe disse que logo teria o prazer de vê-lo no Chile.

Em Mendonza, Miers fêz amizade com don Juan de la Cruz Vargas, que tinha intimidade com San Martin e Luzuriaga. Disse que era homem muito instruído e de mentalidade muito forte. Conhecia muito bem a política européia e norte-americana e possuía idéias amplamente liberais. Não ignorava a ignorância que o rodeava e tinha esperança de fazer educar seus filhos na Inglaterra e poder fundar algumas escolas. Era inimigo declarado do clero, a quem acusava de opor-se aos seus planos referentes à instrução popular. Durante muito tempo foi amigo de San Martin, até que caiu no desagrado e foi desterrado de Mendonza. Miers recorda que Vargas falava muito bem de San Martin de quem era amigo. Ambos, diz Miers, eram afeiçoados ao ponche e escravos do jôgo, como todos os crioulos. Nunca soube a causa do destêrro de Vargas e sômente constatou que teve uma séria disputa com San Martin. Vargas afirmava que San Martin havia começado a fomentar a educação em Mendonza e que, para isso, havia começado, também, por reformar a igreja, tirando os monjes do convento e recrutando-os para o serviço militar e transformando os conventos em quartéis. A maioria dos patriotas, segundo Vargas, não desconhecia a oposição do clero à instrução. Não entramos, agora, na discussão dêstes pontos. Logo o farão os que defendem, por princípio, determinadas idéias. Dirão que Miers mentiu, etc. etc., e tratarão de demonstrar todo o contrário. Oxalá triunfem honradamente em seus propósitos.

Nas páginas de Miers, etnólogos, e historiadores acharão informes cada qual mais valioso. As lanças dos índios, que êle pôde ver e estudar, tinham 18 pés de comprimento, e eram feitas de uma cana chilena ou araucana, chamada "colíña". Sólidas, muito fortes, leves e retas. As juntas eram apenas perceptíveis. Afinavam-se nas pontas levemente. Eram acompanhadas de uma lâmina de ferro de uma polegada de largura e dois fios que ultrapassavam a corda em oito polegadas e couro de potro perfeitamente cozidos, que ajustavam-na à cana. Os índios galopavam a tôda a velocidade e levavam a lança pendurada na mão direita. Quando se achavam

a uns 12 pés de distância do inimigo atiravam a lança com pontaria infalível. Imediatamente recuperavam a lança e voltavam ao ataque, sem temor das armas de fogo, pois sabiam que demorava um pouco de tempo para recarregá-las. Muitos juízos de Miers desagradam-nos pessoalmente, mas reproduzimô-los porque refletem verdades.

“Los indios constituyen la raza más cobarde, solamente igualada por los criollos que temen hacerles frente. Los paisanos y la milicia nativa no tienen coraje para luchar con ellos y sus invasiones son más frecuentes y fructíferas que lo que eran en otros tiempos. Tan sólo los soldados de Buenos Aires son los que están aprendiendo la manera de aniquilarlos. Estos no confían en sus armas de fuego, sino que se valen únicamente de sables. Al cargarlos, un diestro movimiento del arma vuelve a un lado el golpe de lanza del indio y as tropas se colocan de inmediato en posición por demás favorable al derribar a los indios que los han atacado. En todos los ejemplos en que los soldados les han hecho frente con valor y sable en mano, nunca han fracasado en su propósito de destruirlos por completo”.

Indubitavelmente era uma empresa temerária fazer frente a um ataque inesperado dos índios. Os homens de Buenos Aires e de sua província, como bem disse Miers, tinham aprendido, pela força da coragem, a combatê-los um a um, em pelepas terríveis em que morria ou o índio ou o portenho. Nas províncias interioresmas o índio era respeitado por medo. Geralmente atacavam inesperadamente em grupos de cinqüenta a duzentos índios. Aproximavam-se das estâncias ao amanhecer ou na hora da sesta para levar as vacas e os cavalos. Quando entravam nas casas destruíam tudo quanto encontravam e matavam todo ser vivente, apenas respeitando as mulheres jovens que levavam cativas. Quando queriam roubar o gado que estava perto das casas, deitavam-se num dos lados do cavalo de modo a não serem vistos, e se erguiam quando tinham cercado o gado podendo tocá-lo em seguida. A posta de Arequito era um rancho imundo, com maus cavalos. A umas quatro léguas estava o forte da Esquina de la Guardia feito pelo govêrno de Santa Fé para deter os índios do Sul. Uma vala, com terra removida, tinha sete pés de largura por cinco de profundidade. Dentro dêste recinto, alguns ranchos abrigavam uma dúzia de soldados. Os índios eram sanguinários, vingativos e lutadores. Quanto aos filhos da terra tinham fama, especialmente os santafesinos, de serem muito hábeis no duelo a facão. Enrolavam o poncho no braço esquerdo para aparar os golpes. A cavalo eram agilíssimos. Em terra pareciam pesados, inúteis. Não semeavam absolutamente nada, e preferiam uma existência vagabunda a uma vida ordenada.

Comiam carne meio crua e quase nada sabiam de religião. Muito pouco se diferenciavam dos índios.

“Aunque se dicen cristianos — escrevia Miers — sus nociones de religión son igualmente vagas como las supersticiones de los indios y están igualmente desacostumbrados a las prácticas de la religión”.

A figura e a obra de San Martin ocupam, na obra de Miers, muitas páginas. Torna a falar do General San Martin em Mendoza e diz que havia instalado tempos antes, uma escola pública e havia doado a referida escola a um convento. Nela se educavam 70 ou 80 jovens. O dr. Gillies havia aberto outra escola e fundado uma sociedade de instrução mútua e uma biblioteca. Ataques de certa parte da sociedade haviam-no obrigado ao destêrro, mas Miers encontrou-o novamente em seu posto ao voltar a Mendoza em 1825. Não se pode dizer realmente que Miers seja um inimigo de San Martin. Pelo contrário, elogia-o como homem culto e educado, amante da instrução pública e perfeito liberal. Sòmente surpreendeu-se com seu retrato entre os de Napoleão e de Wellington. Realça também seu talento militar. Havia demonstrado grande engenho na organização de suas fôrças. Tinha um tacto político superior e uma extraordinária faculdade diplomática e de intriga, muito bem adaptada para a ocasião. Estuda o famoso paso dos Andes e diz que depois de haver organizado suas fôrças em perfeita forma,

“manejó con tanta habilidad sus proyectos que nos divulgó sus planes ni aun entre los que lo acompañaban en el Estado Mayor”.

Miers conta como San Martin, com a colaboração dos caciques indígenas, conseguiu enganar o gal. Marcó e fazê-lo acreditar que ia cruzar os Andes pelo paso do Planchón, enquanto que a cavalaria, sob o comando de San Martin, avançou pelo paso de Putaendo, e a infantaria e a artilharia, pelo de Cuevas. Todos os soldados iam muito leves, para combater com facilidade. Os da cavalaria tinham seu cavallo, os arreios, o sabre e o poncho. Os de infantaria, o fuzil, uma quantidade de cartuchos e o poncho. Além disso, todos levavam numa mochila uma provisão para 8 dias, de charque, milho tostado e pimenta. San Martin não quis que lavassem bagagens, tendas, provisões, forragens, etc. Miers faz um grande elogio a San Martin:

“Su conseguiente rapidez sobre una región como la Cordillera estaba más allá de todo crédito, y la destreza con que se trasladaban por los dificultosos pasos solamente podía ser obra de un gran genio”.

San Martin havia calculado o caráter daqueles homens. Imprevidentes, em quatro dias consumiram suas provisões. Lançaram-se, então, adiante, com uma espécie de desesperação, sabendo que para quatro dias de marcha tinham comida para um só. Miers explica com perfeição o passo dos Andes, com uma rapidez única na história. Não corrigimos uns insignificantes detalhes de datas, equívocas em uns dias. Unidas, em Villa Nueva, as duas fôrças, de San Martin, encontraram-se com as realistas na Cuesta de Chacabuco, onde teve lugar uma escaramuça que deu a San Martin sua primeira vitória. Depois do triunfo, os povoadores desses lugares estavam entusiasmados.

“Los guasos venian espontáneamente con caballos frescos para los oficiales y los soldados, y se unían a las fuerzas como soldados. Las mujeres y los niños arrojaban melones, sandías, y obras frutas, carne, pan y otros comestibles a las manos de los soldados que pasaban”.

Miers explica a surpresa dos espanhóis. Não imaginavam que San Martin pudesse cruzar a cordilheira em 8 dias com um corpo de infantaria. A cavalaria de vanguarda, com o pó que levantava, e a bruma da manhã, fizeram com que os espanhóis não se advertissem da chegada da infantaria. A um quarto de milha, O'Higgins ordenou às bandas de música que começassem a tocar e se lançaram à carga. Os realistas trataram de retirar-se em linha, mas a cavalaria caiu sobre eles e desorganizou-os totalmente. Ademais, os espanhóis supuseram que seus inimigos eram muito superiores em número. A fuga foi geral, “sin disparar un tiro”. Esta derrota consternou ao Presidente Moreto, os oficiais fugiram para Valparaiso, mas muitos foram capturados. Esta vitória causou em todos os ânimos e em todos os bandos grande impressão. Miers a destaca com emoção. Explica como o pânico dos realistas foi tão grande que escaparam para Maipo sem entrar em Santiago. San Martin pôde, em consequência, apossar-se tranqüilamente da cidade.

Chegados a este ponto devemos dar vários esclarecimentos. Miers refere que San Martin chegou a Santiago aos 15 de fevereiro. Trata-se de erro de um dia: foi a 14 de fevereiro. Logo relata um fato importante:

“Fué recibido en silencio y con poco agrado por los nativos. Ninguna voz se alzó para aclamarlo como Libertador. Era mirado y tratado como un invasor bárbaro, por un pueblo cansado de tiranía patriótica y más acostumbrado al bienvenido yugo de la autoridad española”.

Miers teve esses informes dos próprios homens que acompanharam San Martin. Não há dúvidas de gênero nenhum. O fato

explica-se facilmente. Não é devido à antipatia pessoal a San Martin. Deve-se a algo mais profundo: o povo chileno, como o povo de toda a América não ansiava por nenhuma modificação de governo que o levasse à separação da Espanha. A história não era feita pelo povo, nestes casos faziam-na uns poucos partidos e uns poucos condutores. Notória é a própria diferença que cercou San Martin quando entrou em Lima e a que mostraram a outros capitães outras cidades americanas. As tropas que levavam a liberdade política ou mudanças de governo não eram desejadas em muitas partes. Às crianças das escolas ensina-se outra coisa, mas a verdade para os autênticos historiadores é muito diferente. Miers estranha, por outro lado, que na batalha travada não se tivesse encontrado nenhum cirurgião, e abundassem, em compensação, os frades que confessavam os moribundos. Ninguém vendava as feridas, e os mortos foram muitos. Miers foi informado pelo cel. Pereyra que esteve em todas as ações. Disse-lhe que em Santiago ninguém ignorava que as tropas de San Martin haviam triunfado pela imprudência e covardia dos realistas. Tinham mais tropas, melhores oficiais, reserva militar bem provida, a capital às suas costas e defendiam um vale estreito — o do Chacabuco — onde teriam podido aniquilar os libertadores.

“Confiabamos solamente — dizia o coronel Pereyra — en la bondad de nuestra causa, en nuestro entusiasmo y en la protección del cielo”.

O indubitável é que San Martin organizou um corpo militar que, praticamente, voou sobre a Cordilheira e caiu de surpresa sobre os realistas, confundindo-os com sua infantaria e cavalaria e batendo-os cientificamente. A vitória não foi devida ao número e à força superiores, mas ao talento militar que, com um exército inexperiente soube destroçar um aguerrido e veterano.

A história do Chile quando se refere a Miers, é, em suas linhas gerais, a que contam todos os cronistas desses eventos. Tem, não obstante, matizes que convém destacar. Diz, por exemplo, que o país se declarou independente e deixou de considerar-se, como o havia feito até então,

“como súbdito del rey de España o de las Cortes”

e fez-se uma constituição provisória em abril de 1817. Tem-se que notar este detalhe: súdito do rei da Espanha ou das Côrtes. Aquêles que falam de uma independência anterior à de 1817 esquecem que o governo oficial dos países que não tinham declarado sua independência eram as Côrtes de Cádiz. Os historiadores americanos

tratam de olvidar ou escondem êste fato. E' muito mal feito, pois com seu patriotismo anti-histórico contribuem para manter confusões que entorpecem o conhecimento exato da situação política daqueles anos.

Na surpresa de Cancha Rayada, diz Miers que o general Osório

“destrozó practicamente, a todo el ejército y ocasionó pérdidas considerables”.

Por fim Osório e San Martin encontraram-se nas planícies de Maipo.

San Martin saiu ao encôntro de Osório com as tropas que pôde reunir e ali se travou uma batalha sangrenta e renhida. Os espanhóis tinham em campo 5.000 homens e outro tanto os patriotas. A batalha foi se desenrolando ao redor da chácara de Espejo, que foi tomada e recuperada pelo menos vinte vêzes por um lado e pelo outro. Ao chegar a noite a vitória se inclinava para os espanhóis. O centro e uma ala espanhola levavam uma grande vantagem. A derrota do exército patriótico parecia segura, mas êste pressionava sôbre a outra ala inimiga. O regimento espanhol Burgos tratou então de formar um quadrado. Foi então, que o valente general O'Brien, irlandês, que pouco antes tinha-se incorporado ao exército e comandava os granadeiros a cavalo, lançou-se furiosamente contra o regimento Burgos, o melhor do exército espanhol, desbaratou-o, e, bem apoiado, confundiu tôda a ala. A derrota dêsse regimento levou o terror a todo o exército espanhol. As tropas de San Martin carregaram em tôdas as frentes, envolveram tudo quanto tinham por diante e ganharam uma das vitórias mais completas que se tem lembrança na história. Metade do exército espanhol caiu morto ou ferido e a outra metade se rendeu. Osório, com uns duzentos e oitenta oficiais e soldados, conseguiu fugir pela *cuesta* do Prado, seguiu por Malipilli, ao longo do caminho transversal a Concepción, e embarcou rumo ao Perú, abandonando o Chile, não tendo ficado neste nenhuma fôrça espanhola. Nunca mais tornou a aparecer um exército espanhol em terra chilena. A batalha de Maipo fixou a independência do país.

Miers, como vemos, faz justiça a San Martin, e ressalta o valor incalculável do cruzamento dos Andes e da batalha de Maipo. Relata, em seguida, que San Martin se retirou com seu exército para Mendonza, para preparar sua grande expedição ao Perú. Esta expedição não tinha como fim unicamente desviar os ataques que pudessem ser levados contra os novos países independentes, mas também conseguir a “libertación del mismo Perú”. Não se pode disputar de nenhum modo a San Martin a glória desta iniciativa e de sua

realização. Miers recorda que nesses momentos conheceu a San Martin e como desde então o General havia sido

“el principal motor de los acontecimientos politicos en aquella parte del mundo y como su caracter ha sido presentado de muy diferentes maneras, trataré de bosquejar su retrato... con la más absoluta imparcialidad”.

Miers esclarecia que não se achava sob nenhuma influência política nem comercial e era um simples espectador dos acontecimentos da época. Isso é exato, mas também é verdade que, em algumas oportunidades, como veremos, se deixou influenciar por leituras ou informes que não estavam certos. Mostra quão injusta era muita gente com San Martin e que depois de Chacabuco não foram poucos os que pensaram no Chile que êle aspiraria a ditadura desse país. No entanto San Martin nunca teve essa aspiração.

“En esto se equivocaron todos, pues aunque le fué ofrecida a él, la rehusó y recomendó al general O’Higgins, cuyo nombre, talento y actos en favor de la causa de su patria agregada al respeto y la confianza general depositadas en él, lo calificaban por encima de todos los demás”.

Os planos de San Martin eram maiores. Não aspirava converter-se em ditador. Aspirava libertar o Perú. Miers diz que com a nomeação de O’Higgins êle garantiu um nobre colaborador no Chile. Tanto desinterêsse por parte de San Martin não era compreendido por aquêles que se houvessem detido ao primeiro êxito — o domínio do Chile — e estranhavam, repetimos, que houvesse entregue o govêrno do Chile e olhasse mais para o norte.

“Su intención — escreve Miers — era regenerar el Perú, la más oprimida y degradada de las colonias españolas”.

Estas palavras de Miers coincidem perfeitamente com todos os planos políticos que se conhece de San Martin e com seu velho ideal de lutar pela independência não de uma pequena parte da América, mas sim de tôda a América espanhola. Não resta dúvida que o americanismo de San Martin acha aqui, também, um testemunho indestrutível. Miers continua com suas recordações. Diz que estava rodeado de maus conselheiros e

“era hombre de poca lectura y no tenía nociones claras de gobierno. Sin embargo poseía una sagacidad extraordinaria, era de rápida penetración en situaciones corrientes, sabía retener cualquier fisionomía y sabía elegir a sus subordinados”.

Há uma indubitável contradição entre esta faculdade de não se enganar na escôlha de seus subordinados e no estar rodeado de maus conselheiros. Miers recorda que antes de sua expedição ao Perú teve ocasião de falar longamente com San Martin e lhe expôs o verdadeiro caráter do povo peruano e do chileno. Miers expôs a San Martin que, em seu julgamento, o Perú devia ser governado despòticamente, por um ditador, até que estivesse em condições de admitir um govêrno republicano. A predicação de Miers neste sentido foi intensa. Miers recorda que, quando assim falava e San Martin o escutava,

“solían relucierle los ojos a† general y de inmediato asentian en cuanto a la verdad de estas observaciones”.

Miers chegou a conhecer a fundo as intenções e as idéias de San Martin. Também diz que Bernardo Monteagudo foi o culpado de que caissem sôbre San Martin no Perú tantos ódios. Os historiadores argentinos com sua velha mania de falar bem de todos os próceres e não investigar nada de novo, se vêm na obrigação de elogiar a San Martin e a Monteagudo tanto quanto a outros personagens de nosso passado que não merecem tantos elogios. Neste caso só nos cabe uma crítica no que se refere a Monteagudo. Não indagamos, para começar, se Monteagudo era perverso ou não o era. Suas idéias eram indiscutivelmente anti-democráticas. No Perú fêz-se odiar. Esse ódio a Monteagudo foi vivamente sentido por Miers que o aponta. Não esqueçamos que os peruanos estavam tão compenetrados na vida espanhola e se achavam tão a gôsto nela, que não compreendiam o porquê da guerra civil, da aspiração de uma independência e outras coisas. Monteagudo, como sabemos, foi assassinado por causas ainda não bem conhecidas. O que em continuação escreve Miers e que os estudiosos argentinos calam cuidadosamente, deveria em compensação ser bem aprendido e analisado.

“Nunca creí que haya sido San Martin el origen ni de la mitad de los desaciertos cometidos durante su corto reinado en el Perú. No cabe duda de que el perverso Monteagudo fué la fuente principal de los peores de sus enormidades, pero como actuaba bajo la autoridad del general, todas las desgracias debieron caer sobre la cabeza de éste”.

Dissemos, em outros ensaios, que a situação política e social do Perú quando o governou San Martin não foi, todavia, objeto de um estudo acabado. Nós somos, até agora, os únicos autores que penetraram algo nesse ambiente, obscuro e cheio de ódios, mas temos escritos, ensaios e capítulos soltos e são necessários muitos volumes. Miers atesta, por exemplo, que San Martin “fué enemigo

cruel de los españoles”, mas também diz que tanto os espanhóis quanto os crioulos do Perú eram submissos àquêles que mandavam e orgulhosos e duros com aquêles que obedeciam. Não devemos nos enganar nem aceitar os conceitos que se expõem em banquetes e festas de confraternidade hispano-americano. Uma coisa são o Perú e a Argentina de hoje e outra coisa eram êstes dois países no tempo de San Martin. O Perú não podia ser mais espanholista. Miers assinalava acertadamente e sem nenhum interêsse, a fidelidade pertinaz dos velhos espanhóis pela Mãe-Pátria. Eram agitadores perigosos e, para livrar-se dêles, havia necessidade de encarcerá-los, desterrá-los ou exterminá-los. Os espanhóis partidários do govêrno peninsular fizeram incríveis sacrifícios em favor de sua causa. Os comerciantes, ricos na sua maioria, foram submetidos a contribuições terríveis. O govêrno necessitava de dinheiro e não se deteve nos meios, tanto no Chile, quanto no Perú, para procurá-lo. Miers conhecia êstes fator por haver estado nestes países, haver vivido êstes momentos e ter tido informações diretas. As propriedades dos velhos espanhóis, em geral, foram absorvidas pelo Estado e divididas entre seus inimigos.

Miers insiste em que San Martin recusou o govêrno do Chile, mas colocou nele homens que respondiam a suas vistas. O'Higgins, segundo Miers, se via rodeado de obstáculos pela influência de San Martin e de seus ministros.

“Muchas veces, me aseguró que esa influencia y oposición han frustrado a menudo las realizaciones de muchas medidas de gran importancia para la prosperidad y felicidad del pueblo”.

Em Lima, San Martin tomou o título de Protetor e nomeou seu antigo amigo e conselheiro Bernardo de Monteagudo, ministro da guerra; seu outro grande amigo, Juan García del Rio, ministro do Estado e a don Hipólito Unánue, um velho limenho, ministro da Fazenda. Desde êsse momento, recorda Miers, San Martin deixou de ocupar-se do govêrno do Chile. Miers surpreendeu-se de que começasse a comportar-se como chefe de um estado novo e independente. Assim era, com efeito; mas o fato surpreendia àquêles que pensavam, como Mires, que San Martin tinha a obrigação de continuar influindo no govêrno do Chile, ou ocupando sua presidência. Comprovamos como, um ato que hoje provoca o desinterêsse de San Martin por qualquer função política, naquele tempo, em vez de merecer elogio e admiração, surpreendia e era mal visto. O principal *admirado* era o almirante Lord Cochrane, o qual teria preferido que San Martin tivesse ficado mandando no Chile e não tivesse intervido em nada no Perú, muito menos com

o título de Protetor. Miers refere a estranheza de Cochrane e explica como se foi formando a inimizade do almirante e de San Martin. Diz que quando San Martin entrou em Lima, Cochrane escreveu-lhe que o mundo receberia muitas vantagens se êle adoptasse um sistema liberal de govêrno, que isso

“lo pondria ante los ojos del mundo como un segundo Napoleón”. Miers diz que “esta carta ofendió mucho a San Martin”.

E' esta uma prova contra os que interpretaram San Martin como um guerreiro ansioso de imitar a Napoleão. Temos a evidência de que San Martin se ofendeu quando o quiseram comparar com Napoleão. Posteriormente, Cochrane reclamou de San Martin o pagamento dos marinheiros, de seus soldos atrasados e gratificações, tudo quanto havia prometido cumprir quando tomasse Lima. Miers diz que San Martin respondeu que, como Protetor do Perú, não lhe cabia pagar a uns marinheiros que tinham sido contratados pelo govêrno chileno. E' a discussão tantas vêzes proposta que tem como fonte principal as palavras de Cochrane, confirmadas agora por Miers. Esta parte da história de San Martin e de Lord Cochrane foi que jogou sombras injustificadas sobre San Martin e que fez acusar Lord Cochrane de ambições desmedidas. Cada parte conta os fatos à sua maneira. O indubitável é que das acusações contra San Martin não se depreende absolutamente nada que possa afetar sua moral. Miers relata que San Martin propôs a Cochrane que seguisse seu exemplo e se fizesse almirante peruano — proposta que Cochrane recusa indignado, dizendo que não queria tornar-se traidor.

“A esto seguironse palabras mayores, cuando San Martin dijo que ni pagaria a los marineros sus sueldos ni las gratificaciones que habia prometido, a menos que la armada de Chile pasara al servicio del Perú”.

Miers escreve, a partir dêsse instante, como um político partidário de Cochrane e com uma concepção anti-americana, localista e amante de inimizades que, naqueles momentos, não existiam nem podiam existir. Pretende que a ação de San Martin de seguir lutando pela independência total da América espanhola se detém quando menos deve deter-se. Não refutamos suas palavras ou argumentos com outros fatos ou com negações vãs. Observamos, simplesmente, que Miers teria desejado ver San Martin detido no Chile, transformado em presidente dêsse país, desinteressado por completo do Perú e do prosseguimento da guerra da independência; O'Higgins, chileno que contava com tanta simpatia entre o povo e que portanto poderia ser um bom presidente, dese-

caria ver relegado. Era justo que San Martin não pagasse com dinheiro peruano uma armada que iria continuar a serviço do Chile. Não se deve esquecer de que se tratava de dois Estados, cada um dos quais havia declarado sua independência. Mas Cochrane não abandonou seus propósitos de levar San Martin a cometer um ato contra os interesses peruanos e escreveu-lhes falando do descontentamento que reinava na armada e da necessidade de pagar os marinheiros. San Martin então dispôs, por meio de um decreto, que com a 5a. parte com que se arrecadava na Aduana se pagasse a êsses homens. Miers alude que a arrecadação não era importante e que Cochrane se convenceu de que San Martin não queria pagar um só pêso. Enquanto isso, o exército espanhol de Canerac com uns três mil homens foi se aproximando de Callao e entrou tranquilamente na cidade sem que as forças de San Martin que somavam a treze mil homens fizessem o mínimo esforço para detê-las. Cochrane não compreendia a inação de San Martin e, como muita gente estava indignado. Las Heras e outros oficiais de San Martin se sentiram tão desgostosos que abandonaram o exército e voltaram para o Chile. San Martin embarcou o tesouro do Estado e o que pertencia “a él y sus más allegados”, no iate *Sacramento* e no mercante *Laura*, e dirigiu-os para Ancón. Foi então que lord Cochrane cometeu um ação que Miers, desta vez imparcialmente, refere cruamente, sem desculpá-la nem elogiá-la: apresentou-se em Ancón, pediu as guias e retirou de bordo

“todo lo que pudo descubrir como perteneciente al gobierno peruano, a cuenta y en nombre del gobierno chileno”.

Era um ato de força e de arbitrariedade, sem nenhum direito, digno de corsários e piratas. San Martin se aborreceu grandemente. Primeiro tentou convencer Cochrane de que devolvesse o tomado dessa forma; logo acabou por dar-se conta de que nunca mais poderia recuperar o dinheiro peruano e ordenou que fôsse destinado ao pagamento dos oficiais e marinheiros por conta do govêrno peruano. O pagamento da marinhagem foi feito em poucos dias, com muita ordem, por San Martin. Cochrane devolveu todo o dinheiro, um tesouro de San Martin, constituído de ouro cunhado e ainda por cunhar e quantidade tão considerável de prata em bruto, que para embarcá-lo na goleta foi necessário tirar o lastro que levava. O que relatamos aqui é a síntese do que afirma Miers. Não sabemos se êsse ouro e essa prata eram parte ou todo o tesouro do Perú, pois a pobreza de San Martin foi sempre indiscutível. Miers acrescenta que, por êsse tempo, Cochrane recebeu a visita confidencial de um oficial de San Martin que lhe trou-

xe novas propostas: consistiam em presenteá-lo com um estabelecimento confiscado que valia uns duzentos mil pesos e outorgar-lhe a insígnia da Ordem do Sol, recentemente criada, com ricos diamantes. Ao mesmo tempo lembrou-o de que convinha mais ser almirante de um país que ia ser poderoso como o Perú, do que vice-almirante de um país débil como era o Chile. Miers acrescenta que Cochrane recusou estas ofertas com desprezo.

Todos êstes fatos foram mal estudados por historiadores e comentaristas. A escola samartiana recusa-os calculadamente. Outras escolas os aceitam. Miers esteve em contacto com Cochrane e escreveu em boa fé o que o almirante lhe disse. Se se considera a natureza das possíveis ofertas ou conversações é fácil advertir que nelas não havia escondida nenhuma traição. O Chile já estava seguro de sua independência. A guerra contra os espanhóis estava em seu ponto de maior culminância. A Espanha tinha uma forte armada no Pacífico. A história dessa armada e das ações navais no Pacífico apenas começou a ser feita. Muitos dos documentos que a contém estão na coleção chamada de Gutierrez Quintanilla que o Estado argentino acabou de adquirir e salvar, não obstante os esforços de certos historiadores, empenhados em que se continuasse desconhecendo capítulos extraordinários da independência americana. O estudo dêstes e de outros documentos que os anti-historiadores quiseram ocultar, demonstra que San Martin fêz muito bem em formar, contra a opinião de Cochrane, uma esquadra para o Perú. O próprio testemunho de Miers que acompanha os informes deformados de Cochrane, revela os obstáculos que teve de vencer o Protetor. Convenceu a vários oficiais de Cochrane que se unissem a êle, (diz Miers que com promoções, soldos maiores, e condenações.) Guise, Forster, Spry, Carter, Esmonde e outros o seguiram. Os marinheiros inglêses, expirando o prazo pelo qual haviam sido contratados receberam seu pagamento — do dinheiro dado por San Martin — foram para terra e gastaram tudo o que tinham. Cochrane enviou então um oficial para que os contratasse de novo, mas San Martin o fêz deter com a “desculpa” segundo Miers de que não era legal um oficial estrangeiro recrutar gente de armas dentro de outro Estado. Ao mesmo tempo San Martin escreveu a Cochrane que, como Comandante da expedição libertadora, por disposição do Diretor Supremo do Chile poderia dirigir a esquadra e, portanto, ordenava que Cochrane se afastasse do Perú. Cochrane respondeu a 5 de outubro que enviaria alguns navios para o Chile e faria com os outros o que quisesse. O *Lautaro* e o *Galvarino* foram para Valparaiso. San Martin para ter a obediência de Cochrane determinou aos comandantes dos portos do Perú, do Norte de Lima, que não dessem nenhum abastecimento

aos navios de Cochrane, nem sequer lenha ou água. Miers diz que êsses atos eram a declaração de guerra de San Martin a Cochrane. Eram, pelo contrário, esforços para fazer-se obedecer. Cochrane esteve em plena rebeldia. Não há contradição na dupla ação de San Martin como chefe da expedição libertadora e como Protetor do Perú. Cochrane parecia não se interessar tanto pela independência da América quanto por outros fins. San Martin não tinha outro propósito que o de progredir na libertação do Perú. Lord Cochrane, entretanto, chegou a Guayaquil antes dos enviados de San Martin e, sem expor qual era sua situação, disse que estava perseguindo as fragatas espanholas *Prueba* e *Venganza* e se apropriou, indevidamente, das presas que havia tomado na costa peruana. Assim aparelhou seus barcos e continuou navegando com uma tripulação em quase sua totalidade chilena. Não encontrou as fragatas espanholas e quando voltou a Guayaquil soube que essas fragatas tinham chegado a êsse pôrto uns quinze dias antes e que seus capitães, não conseguindo provisões para viajarem até Manila, tinham consentido em vendê-las aos agentes de San Martin. O govêrno independente não havia querido adquiri-las, mas os delegados de San Martin haviam-nas comprado por uma determinada soma, idêntica aos soldos que o govêrno espanhol devia aos oficiais e marinheiros, e a promessa de permitir aos oficiais a viagem para a Espanha, que diga-se de passagem, nunca se cumpriu. A fragata *Prueba* saiu para Callao e Cochrane quis apoderar-se da *Venganza*. O almirante Blanco Encalada acabou por aposar-se da fragata. Cochrane encontrou a fragata *Prueba* em Callao, com a bandeira peruana. Não tinha nenhum direito para exigir sua posse, mas quis sustentar que êle a havia feito refugiar em Guayaquil. O fato é discutível. A fragata espanhola entrou no pôrto porque necessitava de provisões, água, lenha, etc., e não pôde seguir viagem para as Filipinas. Cochrane era apenas ganancioso e para êle era mais interessante agir como corsário às ordens do govêrno peruano que lutar pela independência do resto da América. Tiveram que amarrar a fragata sob os fogos da fortaleza para que Cochrane desistisse de apoderar-se dela. No dia seguinte o ministro de San Martin foi a Cochrane e lhe afirmou que os desejos do govêrno era nomeá-lo almirante das frotas unidas do Perú e do Chile e que o marquês de Torre Tagle tinha disposto sua casa para recebê-lo. Cochrane não aceitou estas ofertas e, segundo Miers, respondeu que não aceitava propostas de um govêrno

“que no enmanaba del pueblo ni pondria su pies en un pais, no solamente governado sin ley, sino contra la ley”.

A resposta de Cochrane deve ser estudada com atenção e não esquecida, injuriada ou discutida com interesses patrioteiros. Os historiadores que traem constantemente a história para fazer triunfar suas idéias políticas ou de um falso nacionalismo responderão com seus argumentos costumeiros, violentos e incongruentes. A verdade é que o Perú tinha um Protetor e, naqueles momentos, era governado por uma direção superior. Não havia outra maneira para guiá-lo pelo caminho da ordem e da Constituição. Deve-se ler os escritos de Monteagudo para dar-se conta da verdadeira situação daquele povo. Cochrane, indubitavelmente, respondeu como afirma Miers. O conhecimento da realidade peruana, da forte oposição que existia contra San Martin e das tendências dos partidos políticos que surgiam naqueles momentos não deixa dúvidas de que San Martin era considerado, por muita gente, como um ditador. Mas isto também, devemos reconhecer, não era o que preocupava a Cochrane. O grande almirante havia percebido que San Martin buscava um ideal e de que não se preocupava em amealhar fortuna. San Martin fazendo caso omisso de questões pessoais, reconhecia que Cochrane podia ser útil à causa americana, mas Cochrane, como dissemos, visava outros fins. Não é de estranhar pois, que San Martin tendo-se convencido de que Cochrane não lutaria pela libertação total da América, ordenou fôsem feitas contra êle algumas represálias. O governador de Callao, que era um oficial chileno, negou-lhe provisões, e Cochrane foi então para Valparaíso. Durante dois anos e meio tinha andado pelo mar sem receber instruções do govêrno. Isto mostra em parte a autonomia de ação de que desfrutava e que queria manter.

Miers refere que San Martin desembarcando em Pisco tinha afirmado aos antigos espanhóis, por meio de proclamas, que respeitaria as vidas e os bens de todos aquêles que não se opusessem à causa independente, mas que à entrada de San Martin em Lima, êles se alarmaram e começaram a fugir do país. Um barco inglês levou cento e sessenta e quatro famílias, outro, cento e cinqüenta e outros ainda, de cinqüenta a cem cara um. A emigração foi tanta que San Martin fêz proclamar que permitiria o abandono do Perú aos espanhóis que entregassem ao novo govêrno metade de seus bens. Muitos espanhóis apresentaram-se para entregar a metade de suas propriedades contanto que pudessem ir embora, mas logo apareceram inconvenientes e não poucos espanhóis se viram aprisionados e com todos os bens perdidos. Em vez de se lhes permitir voltar à Espanha, foram embarcados para o Chile.

“La mitad murió de pena y privaciones — escreve Miers — antes de que arribaran a Valparaíso”.

Miers se indigna com êstes e outros fatos. No entanto, êle próprio se fêz o eco da opposição tenaz dos espanhóis ao novo govêrno. Era a luta aberta dentro da cidade, entre os partidários da independência e os mantenedores da antiga ordem. Uma senhora anciã, das principais famílias do Perú, que falava contra os patriotas, foi disfarçada com um vestido negro, ornado com diabos vermelhos e caveiras. Puseram-lhe um gôrro em ponta, que simulava chamas, e na bôca um fêmur humano atado por trás da cabeça. Assim foi exposta dois dias na rua. Dois comerciantes de Lima, Abadía e Arizmendi, agentes da Companhia das Filipinas e donos de grandes minas, foram despojados de suas riquezas, Miers não sabe as verdadeiras causas. Expõe fatos que se não tivessem razões pareceriam injustos. Diz também que San Martin se desinteressou dos detalhes do govêrno e deixou o Departamento executivo nas mãos de Torre Tagle, “ser infeliz y pusilânime”, manejado por Monteagudo. Todos êstes fatos, de realidade histórica inquestionável, são deformados pela visão e pelas crenças de Miers. Êste cronista tão pouco é culpável de suas concepções errôneas. Miers reflete um ambiente contrário a San Martin, a Monteagudo, a Torre Tagle e a todos os homens novos. O êrro da maioria dos biógrafos de San Martin e que acabou por criar um patriotismo histórico ridículo, insubstancial e contrário ao verdadeiro nacionalismo histórico argentino, foi o de haverem-se limitado a escrever biografias defensivas e não analisar o ambiente político, a história das idéias, as facções que existiam naquela época no Perú. Esta incompreensão começa com o próprio Miers. Diz, por exemplo, que o afastamento de San Martin, sincero e nobre como o sabemos muito bem, por incontáveis manifestações em que repetia o propósito de governar unicamente um ano e não mais, — como o fêz efetivamente — era fingido e seu fim deixando o govêrno para outras pessoas era de que o povo o chamasse para

“transformarse en emperador del Perú”.

Esta estupidez não passou nunca pelo cérebro de San Martin. Tem-se que compreender a política geral e particular do Perú e dos grupos que se opunham entre si, sem excluir o próprio grupo de argentinos samartianos, para compreender-se quão absurda podia ser essa suposta ambição de San Martin. Ela era uma arma entre os opositores para combater não tanto a San Martin, mas a Monteagudo, que, como é elementar, terminou assassinado. Esta crença popular, sem dúvida, se teria formado de fatos mínimos como o eram alguns costumes do próprio San Martin. Miers diz que o Protetor

“nunca aparecia en público, sino era en un coche fastuoso, tirado por ocho caballos, con los postillones de escarlata y protegido por una guardia de cincuenta soldados de caballería, también en uniforme escarlata”.

Monteagudo, que era paupérrimo quando chegou ao Perú, amealhou uma grande fortuna e vivia “a la manera principesca”. Todos os seus atos eram ostensivos e chocantes. A Ordem do Sol não foi criada como uma condecoração militar,

“sino que se la presentaba con todas las galas y pompas de una gran Orden de caballería europea”.

No palácio do Govêrno davam-se grandes recepções e realizavam-se cerimônias cortesãs “ridículas”. Miers supõe que isto tudo visava inserir no público

“la noción de un gobierno monárquico”.

Nós, historiadores argentinos, liberais e democráticos, nos negamos a “creer” nestas afirmações, por isso, a obra de Miers, apesar de sua importância em mil outros detalhes, continua inédita e anatematizada por aquêles que nunca a leram; mas na história a questão não é “creer”, e sim “saber” de um modo certo, a verdade. Miers confirma o que disseram outros escritores daquele tempo:

“Monteagudo alquilaba hombres para que en los teatros y processiones gritaran “Viva el emperador José!” para tomarle el pulso al pueblo”; mas não obteve ecos. Monteagudo “era completamente absoluto y de lo más tiránico y aborrecible para el pueblo. El terror era su regla de órden. La avaricia y la propiedad pomposa estaban entre sus pasiones primordiales”.

Sabemos muito bem que na Argentina muitos de nossos colegas se irritarão porque transcrevemos estas linhas. Seu lema é ocultar verdades e manter em pé figuras de papelão. Nós os convidamos a estudar detidamente as idéias políticas de Monteagudo e comprovar como sustentou sempre, as vantagens dos governos fortes e não dos populares. Isso era devido à impossibilidade de entregar a um povo mal preparado para a democracia um govêrno que cairia numa infinidade de mãos, anarquias e desordens. A unanimidade dos cronistas peruanos nos demonstra que Monteagudo perdeu a cabeça no Perú. Logo se viu rico, poderoso, adulado, com um futuro fabuloso. Tinha que governar e que viver. Miers atesta, como outros escritores — insistimos — em que os governos de vice-reis não tinham sido bons, mas que o independente

Nós, historiadores argentinos, liberais e democráticos, negamos a “creer” nestas afirmações, por isso, a obra de Miers, apesar de

“excedía en mucho en atrocidad a cualquiera cosa vista jamás en el Perú. Bajo el sistema español, las recaudaciones del rey eran objeto del pillaje universal, pero siempre se respetaba la propiedad privada. Sin embargo no era así bajo la administración de Monteagudo. La propiedad individual ya no estaba segura, sino que se la había puesto al servicio de su avaricia insaciable y de las miras ambiciosas del Protector”.

O povo já não tinha confiança. O comércio caiu em ruína. Aquêles que possuíam dinheiro, escondiam-no ou remetiam-no para a Europa. A moeda se tornou tão escassa que o govêrno teve de emitir grande quantidade de papel de um pêso para cima. Acontecia o mesmo que ocorre em todos os governos ambiciosos. San Martin pagava as culpas de Monteagudo. Teve que cunhar moedas de cobre com o valor de seis peniques. Ao papel e ao cobre deu-se valor legal e os pagamentos se faziam com uma terça parte em papel, outra em cobre e outra em prata espanhola. Ninguém se atrevia a recusar o papel porque havia pena de prisão, açoites e confiscação. Aquêles que vendiam suas mercadorias por exemplo por trinta pesos, na realidade vendiam-na por pouco mais de dez pesos fortes. Lima achou-se rapidamente em grande penúria. Uma grande quantidade de espiões, pagos com o dinheiro do povo, andava por tôda a parte. Tinha-se mêdo de falar. Aquêles que emitiam opiniões contrárias ao govêrno eram aprisionados e castigados severamente.

Apesar de estar no poder há doze meses, San Martin não se resolvia a levar a cabo a guerra contra os espanhóis. Estavam em seu poder as províncias de Lima e Trujillo. Os espanhóis dominavam em Arequipa, Arica e no alto Perú. Duas expedições enviadas por San Martin foram dizimadas. Miers anota a impressão de que tudo ia de mal a pior no Perú.

“Todo cayó en el desorden y predominó el descontento general. Ahora aparecía que San Martin no poseía el talento necesario para gobernar”.

Os erros de seus colaboradores se refletiam unicamente sôbre o Protetor. A política estava dividida demais e os ódios eram muito grandes, em todos os partidos, para poder contentar a tôdas as ambições e governar em paz. Quando se penetra o pensamento político de San Martin, sabe-se que êle foi o primeiro a reconhecer êsse estado anormal que existia no Perú. Mais de uma vez disse que para continuar governando teria precisado fuzilar antigos compoñeiros, mas que não queria manejar “el palo” e converter-se em tirano, que sômente u’a mão excessivamente dura teria podido conservar-se um pouco de tempo mais no poder, etc., e que tôdas as

suas esperanças estavam em abandonar a vida política e continuar combatendo como militar. Por isso propôs-se a governar apenas um ano, quando tomou o poder, e cumpriu sua palavra. Miers ignorava, como era lógico, estes propósitos de San Martin que os historiadores modernos conhecem através dos muitos documentos que manuseiam. Por isso se tornou eco da voz popular de que San Martin queria apossar-se do pôrto de Guayaquil para obter recursos com que sustentar suas forças navais. Este é um erro como tantos outros, pois não consta em nenhum documento que San Martin tivesse essa intenção. Pelo contrário, o que sempre disse San Martin é que Guayaquil devia por si mesmo decidir seu destino, ou seja, se devia se anexar ao Perú ou à Colômbia. Os enviados ou delegados que San Martin enviou a Guayaquil não buscavam conseguir a anexação dessa cidade ao Perú. Sua missão foi muito diferente. A cidade não estava em poder dos espanhóis e era natural que tanto da parte de San Martin, quanto da de Bolivar, existisse a obrigação de vinculá-la de alguma forma aos grandes centros diretores da guerra contra os últimos realistas. Nem San Martin, nem Bolivar, haviam recusado, como é lógico, a anexação de Guayaquil ao Perú ou a Colômbia. Repetimos que foi precisamente San Martin quem insistiu em muitas ocasiões, que Guayaquil devia resolver por si mesma a que govêrno devia anexar-se. Miers, depois de anotar as supostas intenções de San Martin de apossar-se de Guayaquil, enuncia outra explicação para esclarecer os porquês de sua viagem a Guayaquil e o encontro com Bolivar. Primeiro diz que *San Martin propôs-se apossar-se da cidade.* Depois diz que os espanhóis, encorajados pelo triunfo de Ica, ameaçaram avançar sobre Lima, e que então, San Martin, cheio de temores pediu, de um lado urgentes socorros ao Chile, e de outro, arranjou em encontro com Bolivar em Guayaquil para pedir-lhe ajuda. Diz Miers:

“San Martin, alarmado, envió a Chile un pedido de socorro en los términos más urgentes y, fiando en su poder para la intriga, determinó hacer una visita inmediata a Guayaquil, donde esperaba encontrar el general Bolivar y, mediante halagos y lisonjas, inducirlo a enviar una fuerza armada al Perú para ayudarlo en sus propósitos, esperando poder evitar que el mismo Bolivar viniese a ese país”.

Esta explicação das origens da entrevista de Guayaquil foi dada depois dos acontecimentos e contém, portanto, a lenda popular que colheram e colhem muitos intérpretes da chamada carta de Lafond. A idéia dominante de que San Martin foi a Guayaquil para pedir homens a Bolivar e que o Libertador, por egoísmo, etc.

negou-os — produzindo a inevitável renúncia de San Martin — desviou de uma interpretação reta a maioria dos comentaristas da referida carta. Não vamos entrar agora na discussão da autenticidade ou não autenticidade desta carta que os bolivaristas assinalam como falsa e os samartianos consideram, nada menos do que com um exagêro ridículo como o eixo da história samartiana. A carta contém conceitos exatíssimos, próprios de San Martin, e afirmações tão errôneas, que levam a pensar que seu autor não foi propriamente San Martin. Não nos referimos às quantidades de soldados, com enganos ainda não explicados satisfatoriamente, mas ao não saber quem era, no momento em que se escrevia a carta, o verdadeiro general em chefe, à suposição de que uma expedição vinha por terra quando vinha por mar e a imaginar uma inimizade com Torre Tagle que começou muito depois, etc. Miers não estava inteirado do que os historiadores contemporâneos conhecem com perfeição: o tratado de amizade e união entre o Perú e a Colômbia e a possibilidade de unir ambos os exércitos num só, sob o comando de Bolivar e de San Martin, como também da velha intenção de San Martin de não governar mais de um ano e retirar-se no fim dêle da vida política, como de fato o fez. Miers julgou a viagem a Guayaquil depois de realizada e colheu versões populares, que adivinhavam, sem saber nada de concreto. A prova de que Miers relatou a entrevista de Guayaquil baseado unicamente em versões populares, temô-la no relato que faz da própria entrevista. Não se pode pedir nada mais errôneo, tão infantil é.

“A su arribo a Guayaquil tuvo una entrevista con Bolivar, pero la conducta de ese jefe fué inesperadamente altanera y tan llena de recriminaciones contra el Protector, por la actitud hostil que había demostrado hacia él y hacia la línea política que él seguía, que San Martin, según se dice, tuvo motivos para temer que su rival tuviera designios de aprehenderlo y, por conseqüentes, para asegurar su seguridad personal, abandonó precipitadamente Guayaquil y retornó inmediatamente al Perú”.

E' uma nova versão da entrevista de Guayaquil ainda não referida por nenhum historiador, pois é a mais absurda: um San Martin fugindo de medo de Bolivar. Tôda a informação dêste facto se baseia num “según se dice”. Os documentos conhecidos, tanto de origem samartiana como bolivariana, provam exatamente o contrário: nunca San Martin esteve mais seguro do que ao lado de Bolivar, nem foi recebido com maiores demonstrações de simpatia. As lendas, que desde sua realização cercaram a célebre entrevista, sugestionaram como vemos, um homem tão sério em seu testemunho como Miers. Êste tanto refere fatos verdadeiros como

falsos, não por antipatia a San Martin, mas, simplesmente, por má informação. Assim relata rapidamente que durante a ausência de San Martin houve uma revolução em Lima contra Monteagudo, que se tinha tornado odioso por sua política e por sua conduta.

“Monteagudo, temeroso de ser despedazado por la gente, que pedía venganza a gritos, se puso bajo la protección del Cabildo por lo cual fué conducido a bordo de un pequeño barco de guerra y enviado a Panamá”.

Uma Junta Provisória ocupou o lugar de Monteagudo e convocou um Congresso nacional

“que había sido prometido frecuentemente, pero siempre diferido por cualquier pretexto trivial”.

Miers acredita que este fato tenha sido um golpe mortal para a autoridade de San Martin, que encontrou o Congresso reunido. Não sabe Miers que quatro meses antes de partir para Guayaquil, San Martin combinara com seu ministro Garcia del Río renunciar quando regressasse reunindo o Congresso para esse fato. O que San Martin havia resolvido e planejado com quatro meses de antecedência, Miers, guiado pelas vozes populares, pelos “según se dice”, acreditava produto de fatos muito posteriores. Do mesmo modo relata que quando San Martin soube que o Congresso estava realmente reunido,

“alarmado por su seguridad personal, aguardó a bordo del buque que lo traía, pero ninguno de la autoridad civil le presentó sus respetos y solamente dos de sus jefes militares principales fueron a bordo con quienes mantuvo consejo de guerra y no bien supo que podía confiar en los militares se presentó en el palacio de Lima, donde, reasumiendo las funciones públicas y llamando ante si a las autoridades, las amenazó con venganzas por el insulto que le habían hecho como Protector del Perú y les dijo que llamaría a Monteagudo de vuelta”.

Miers acredita que San Martin tratou de reprimir, por meio de arbitrariedades, o espírito que se havia manifestado no Cabildo e no povo. O Cabildo, temendo as iras de San Martin, procurou a proteção do Congresso. Quanto ao Congresso, temia, de um lado a San Martin e, de outro, aos realistas cada vez mais próximos. Por fim San Martin com o Cabildo contrário e sem Monteagudo,

“el último hombre de talento en quien podía confiar el manejo de sus asuntos políticos, pensó que era

conveniente retirarse a El Callao, desde donde lanzó una proclama con su abdicación”.

Miers vê uma parte mínima de verdade e expõe, sem saber, uma série de erros, para não dizer calúnias. A renúncia ou despedida de San Martin está datada de Lima, 20 de setembro de 1822. Miers relata que nela San Martin felicitava o povo peruano pela sua independência e que se retirava de acordo com suas promessas, depois de ter instalado a liberdade no país. San Martin também se queixava de que o tivessem combatido com a mentira de que aspirava converter-se em rei. Como prova do contrário, deixava o Perú

“con el ejercicio pleno y libre de su propia voluntad y del goce plano de una representación nacional”.

O Congresso de Lima, sabendo-se definitivamente livre, aboliu o cargo de Protetor, confirmou o Poder Executivo nas mãos da Junta e promoveu uma manifestação de gratidão a Lord Cochrane, que se havia afastado, meses antes da costa peruana, por causa dos maus tratos que havia recebido. A ata a que Miers se refere nunca se publicou. Por isso éle a reproduz. E' a seguinte:

“El Congreso soberano Constituyente del Perú contemplando lo que la libertad del Perú debe al honorable Lord Cochrane, por cuyo genio, fortuna y valor, el Pacífico ha sido liberado de los traidores enemigos y el estandarte de la libertad plantado en todas las costas del Mar del Sur,

Resuelve:

Que la Junta Ejecutiva de Gobierno, en nombre de la Nación, brinde a Lord Cochrane, almirante de la escuadra de Chile, los más sinceros sentimientos de gratitud por sus esfuerzos en favor de este pueblo, tiranizado hasta el presente por fuerzas poderosas, pero ahora árbitro de su propia fuerza.

La Junta Ejecutiva habrá comprendido sus sentimientos y tomará las medidas necesarias para este propósito ordenando que se publique, se imprima y circule esta resolución.

Dado en la Casa del Congreso, en Lima, el 22 de septiembre, de 1822.

Xavier de Lima Pizarro, Presidente. José Sanchez Carrión, Secretário. Francisco Xaxier Marreategui, Segundo Secretario”.

Miers convenceu-se de que não houvesse sido Cochrane “que contuvo y humilló su poder”, San Martin ter-se-ia transformado no soberano do Perú, e teria passado para a história como um herói,

libertador do país e talvez como benfeitor da humanidade. Reconhece que San Martin não era desprovido de méritos e que havia feito muito pelo Chile, mas que havia sido desviado “por su ambición”. Colocou-se num lugar que não soube prover e voltou ao Chile “despedido con ignominia y degradado”. Não obstante, continua Miers,

“confirió diversos beneficios al pueblo que había tiranizado, entre los principales, el de su tentativa de extirpar aquellos vicios del pueblo de Lima que son de descripción ofensiva y escandalosa; desterró los abusos más vergonzosos y dejó por lo menos una apariencia tolerable en las maneras exteriores y en el caracter desnaturalizado e indigno de los limeños”.

Miers é o cronista que mais insultou e caluniou o povo de Lima, e, em inumeráveis aspectos o que menos compreendeu a San Martin. Tudo quanto disse da entrevista com Bolivar está fundado em mentiras e lendas. No entanto, ainda nas fontes mais errôneas o crítico desapassionado pode encontrar dados e indícios úteis para outros trabalhos. E' também o que se passa com êste cronista, que aos poucos, sem intenção, mostra-nos a verdadeira grandeza de San Martin e deixa entrever quão grandes foram as culpas dos homens que, por inveja e vaidade, mais o detestaram e perseguiram.

ENRIQUE DE GANDÍA